

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
I SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

AXÉ, PAZ E BEM: UM OLHAR SOBRE A EDUCAFRO

Bianca Correa Avelino, bia_molko@hotmail.com

Carolina Medeiros Fragoso, carolinamfragoso@gmail.com

Marina Figueiredo, maryfig5@hotmail.com

Thaís Pereira dos Santos, thaisnetway@yahoo.com

SÃO PAULO
NOVEMBRO DE 2009

AXÉ, PAZ E BEM: UM OLHAR SOBRE A EDUCAFRO

Bianca Correa Avelino, bia_molko@hotmail.com

Carolina Medeiros Fragoso, carolinamfragoso@gmail.com

Marina Figueiredo, maryfig5@hotmail.com

Thaís Pereira dos Santos, thaisnetway@yahoo.com

Resumo: Os Debates sobre as Ações afirmativas no Brasil ganharam proporções mais densas nos últimos anos. Os argumentos contra e a favor, principalmente a respeito das políticas de Cotas abriram espaço para uma discussão mais abrangente sobre as desigualdades raciais no Brasil. Desta forma o presente trabalho buscou investigar, como a Educafro, representante da luta do movimento negro pelas ações afirmativas compreende a institucionalização do sistema de cotas nas Universidades Estaduais de São Paulo. Como atua ela atua. E quais seus objetivos e métodos ao empreender seu trabalho.

Palavras - chave: ações afirmativas, movimento negro, integração cultural.

Introdução

O debate sobre as questões raciais tem tomado espaço cada vez maior no cenário Nacional, as políticas de ações afirmativas estão em pauta e trazem consigo questões até então ocultadas, como o acesso a população negra e carente ao ensino superior e ao mercado de trabalho. A presente pesquisa buscou demonstrar o papel de movimentos sociais na luta pela igualdade de oportunidades de jovens negros e carentes nas universidades públicas por meio de ações afirmativas, para tal objetivo escolhemos a Educafro (Educação e Cidadania de afrodescendentes e carentes), buscando compreender como a mesma compreende o sistema de cotas e quais são seus objetivos e métodos ao empreender seu trabalho. Por muitas vezes, pontuaremos questões teóricas conflitantes e não nos aprofundaremos nas mesmas, por dois motivos, primeiro porque não tínhamos noção de como o assunto é delicado e segundo ficamos surpresas com a ampla discussão acadêmica sobre o assunto, devendo assim, um retorno mais cuidadoso ao tema. Desejamos a todos Axé, Paz e Bem.

Os Debates sobre as Ações afirmativas no Brasil ganharam proporções mais densas nos últimos anos. Os argumentos contra e a favor, principalmente a respeito das políticas de Cotas abriram espaço para uma discussão mais abrangente sobre as desigualdades raciais no Brasil. Hoje a população de certa forma ficou ciente do fato, há muito tempo denunciado pelos movimentos sociais organizados, de que no Brasil o racismo existe de forma significativa e que seus resultados podem ser comprovados por meio da análise de dados estatísticos. Os negros (de acordo com o PNAD/IBGE – 2003) constituem 45% da população, mas correspondem a 65% dos pobres (cerca de 53,9 milhões de pessoas) e 70% dos indigentes (cerca de 22 milhões de pessoas). Assim fica evidente que *a pobreza no Brasil tem cara e ela é predominantemente Negra* (Carvalho, 2003: 149). A história das ações afirmativas confunde-se com a luta pela igualdade dos direitos sociais. Isso, em primeiro lugar, porque a primeira proposta oficial que reivindicava a implementação de ações afirmativas apresentada ao governo brasileiro surgiu na Convenção Nacional do Negro Brasileiro, realizada em 1945 e 1946 no Rio de Janeiro. Um dos resultados deste evento foi o **Manifesto à Nação Brasileira**. As reivindicações deste manifesto foram publicadas no primeiro número do Jornal o *Quilombo*, dirigido por Abdias do Nascimento, intelectual, artista e político brasileiro e Guerreiro Ramos intelectual e acadêmico. A principal bandeira definida pela convenção era trabalhar pela valorização e valoração do negro brasileiro em todos os setores: social, cultural, educacional, político, econômico e artístico, a começar pela educação. A reivindicação proposta era de que *“enquanto não for tomado gratuito o ensino em todos os graus, sejam admitidos estudantes negros, com pensionistas do Estado, em todos os estabelecimentos militares (sic)”* (Nascimento, 2003:253). Ao exigir tal medida o movimento negro deixava claro o caminho pelo qual acreditava que seria possível caminhar em direção à diminuição das desigualdades sociais; exigência que definitivamente daria forma aos movimentos militantes futuros.

Em 13 de maio de 2008, (13 de maio data da abolição da escravatura) outro Manifesto foi entregue ao Governo Brasileiro: **120 anos da luta pela igualdade Racial do Brasil: O Manifesto em defesa da Justiça e Constitucionalidade das Cotas**¹. Este aborda questões centrais defendidas pelos principais movimentos sociais brasileiros vinculados à luta pela igualdade. Em geral, o documento mostra a efervescência das discussões sobre as cotas no Brasil do Século XXI, o mapa das

¹ **Organizadores e redatores do manifesto:** Alexandre do Nascimento – PVNC-RJ / FAETEC-RJ, Carla Patrícia Frade Nogueira Lopes – Juíza de Direito, Escola da Magistratura - DF, Carlos Alberto Medeiros – Jornalista, Carlos Henrique Romão de Siqueira - CEPPAC-UnB, Frei David Raimundo dos Santos - EDUCAFRO-SP, João Jorge Rodrigues – Bloco Afro Olodum-BA, José Jorge de Carvalho – UnB, Marcelo Tragtenberg – UFSC, Renato Ferreira – PPCOR/LPP/UERJ-RJ e Valter Roberto Silvério - ABPN/UFSCAR

instituições Estaduais e Municipais de ensino Superior com ações afirmativas; as reações contra as políticas de cotas para negros nas universidades, estabelece parâmetros de comparação do Brasil com países de composições étnicas diversas, e como foram as reações à institucionalização de medidas, como as próprias cotas raciais nesses países. Tal documento é rico em dados históricos e expressa a atual luta pelas ações afirmativas no Brasil.

Um dos organizadores e redatores do Manifesto: Frei Davi Raimundo dos Santos é fundador e representante da Educafro (Educação e Cidadania de afrodescendentes e carentes) rede cursinhos comunitários pré-vestibular. A mesma está à frente da luta pelo sistema de cotas e vem representando uma força expressiva junto ao Governo Federal em prol da implementação das políticas de ações afirmativas.

Desta forma o presente trabalho busca investigar: *como a Educafro, representante da luta do movimento negro pelas ações afirmativas compreende a institucionalização do sistema de cotas nas Universidades Estaduais de São Paulo? Como atua ela atua? E quais seus objetivos e métodos ao empreender seu trabalho?*

As discussões sobre as questões raciais no Brasil, os discursos contra as cotas, à movimentação das universidades públicas com relação à lei 10.558² de 13 de Novembro de 2002, nosso ingresso no grupo de estudos Identidade e Raça da ESP é que nos motivaram a iniciar esta pesquisa. Entendemos que o tema é de extrema relevância, devido sua repercussão nos veículos de comunicação e nos debates acadêmicos, além de revelar as transformações das maneiras de agir e de pensar da sociedade a respeito das políticas de ações afirmativas e do preconceito racial.

Hipótese

Para analisar como a Educafro compreende o sistema de cotas, como atua e quais são os seus objetivos e métodos ao empreender seu trabalho, vimos como necessário partirmos da distinção que a sociologia faz entre duas órbitas da vida social: a esfera da *integração social* e a esfera da *integração cultural* (COSTA, 216, 2006). A esfera da integração social representa o campo dos conflitos de interesse e das lutas distributivas; já a esfera da integração cultural diz respeito à estrutura do universo no qual se formam os valores. Desta forma, o anti-racismo precisa levar em

² Medida Provisória nº 63, de 2002 da Lei N° 10.558, de 13 de Novembro 2002. Artigo1º Fica criado o Programa Diversidade na Universidade, no âmbito do Ministério da Educação, com a finalidade de implementar e avaliar estratégias para a promoção do acesso ao ensino superior de pessoas pertencentes a grupos socialmente desfavorecidos, especialmente dos afrodescendentes e dos indígenas brasileiros.

conta tanto à meta da construção da igualdade de oportunidades (integração social – campo das normas), quanto à afirmação das particularidades culturais (integração cultural – campo dos valores), ou seja, precisa ser ao mesmo tempo igualitarista e diferencialista.

Segundo Sérgio Costa, (2006:217), a população brasileira percebe a existência do racismo, faltando o passo seguinte que é reconhecer a necessidade de combatê-lo.

A Educafro aparece nesse cenário como defensora da luta pela igualdade em meio à diversidade. Partimos da hipótese que a busca de reconhecimento no campo das normas (igualdade de oportunidade) é para Educafro o primeiro passo para combater o racismo e as desigualdades sociais. Desta forma a maneira como ela se organiza, apreende e empreende seu trabalho está em primeiro lugar, fundamentada na luta pela implementação das ações afirmativas, buscando inclusive mecanismos eficientes de criminalização do racismo, para garantir que a norma universal da igualdade de oportunidades tenha de fato validade. A luta pela institucionalização do sistema de cotas nas universidades públicas de São Paulo expressa bem isso. Em segundo lugar, a Educafro busca fortalecer como valor o anti-racismo no plano da integração cultural, por meio de práticas culturais e educacionais que entendem, tornam possível construir coletivamente uma visão anti- racista.

Referencial teórico:

Para orientar nossa pesquisa, partimos do referencial teórico de três autores: Sérgio Costa, com sua obra intitulada *Dois Atlânticos: teoria racial, anti-racismo, cosmopolitismo* (2006), Valter Silvério com artigo: *Ação afirmativa e combate ao racismo institucional no Brasil* (2002) e por fim Yvonne Maggie com o seu artigo chamado: *Novos bacharéis – a experiência para pré – vestibular para negros e carentes* (2001). Apresentaremos o resumo de nossas leituras.

O capítulo estudado da obra de Sérgio Costa foi: *Paradoxos do anti-racismo – os estudos raciais e seus críticos*. Neste capítulo o autor busca mapear os debates das ciências sociais sobre a vertente igualitarista e integracionista nos estudos de anti – racismo no Brasil, a primeira vertente (igualitarista), discute o autor, busca a constituição de uma ordem social justa que proporcione a todos os grupos demográficos, independentemente de suas características, uma igualdade verdadeira de oportunidades. Já a segunda a – integracionista busca combater o racismo, preservando as identidades existentes no interior de uma ordem social, valorizando a particularidade social. O autor trabalha com estes dois conceitos em conjunto com o histórico dos debates acadêmicos sobre racismo no Brasil.

A segunda obra estudada foi a do professor Valter Silvério (UFSCAR), em seu artigo: Ação afirmativa e combate ao racismo institucional no Brasil, o autor traz um debate sobre ação afirmativa no Brasil à luz dos fundamentos jurídicos da igualdade de oportunidades. A partir desta perspectiva, polemiza com as visões que criticam a implementação de políticas compensatórias, reunindo evidências sobre a participação do Estado na legitimação do combate à discriminação racial no país. Tal envolvimento é explorado na instituição escolar, examinando-se as conseqüências do preconceito sobre a identidade e a auto-estima das crianças e jovens negros.

Por fim, temos o artigo de Ivonne Maggie - Novos bacharéis – a experiência para pré – vestibular para negros e carentes. A autora traz a discussão da experiência de um cursinho pré-vestibular para negros e carentes, referindo-se a PVNC que se apresenta hoje como Educafro, o texto é interessante por revelar a estrutura do cursinho em sua gênese e nos dará elementos de comparação importantes, que permitirão enxergar a evolução do mesmo.

Metodologia

A escolha da Educafro como objeto de pesquisa nos direcionou a utilizar métodos qualitativos pelo fato destes nos fornecerem um conjunto de técnicas capazes de proporcionar uma investigação científica de forma mais profunda, particular do que os métodos quantitativos.

O fato de esta priorizar a defesa de questões como a institucionalização do sistema de cotas já demonstra o seu caráter militante, atuante na sociedade. Dessa forma torna-se imprescindível o trabalho de campo, ancorado na observação participante e posteriormente na realização de entrevistas a fim de investigar os mecanismos que auxiliam a orientar e a manter o funcionamento de tal instituição.

A observação participante nos auxiliou não apenas como uma importante ferramenta de coleta de dados, mas também nos colocou em uma posição privilegiada, e nos permitiu desenvolver uma interação com o espaço e com os atores; um exercício essencial que nos possibilitou entender aquele ambiente e as relações que ali se estabelecem. Concebemos a mesma como um *“processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica. O observador está em relação face a face com os observados, e, em participando com eles em seu ambiente natural de vida, coleta dados”*³, logo nos tornamos parte do contexto a ser observado. Logo, as sucessivas observações de

³ Definição usada por A. Cicourel em “Teoria em Pesquisa de Campo” citado por HAGUETTE. Teresa Maria Frota. In: *Metodologias Qualitativas na Antropologia*, Nona edição. Petrópolis. Editora Vozes, 2003, p.71.

campo nos ajudaram a elucidar e a captar aqueles elementos que envolvem e que dão significação às relações.

O roteiro de entrevistas, bem como as mesmas, foram realizados após às observações de campo. Tínhamos a intenção de entrevistar somente alunos pré-vestibulandos, entretanto, analisando melhor o problema de pesquisa, os voluntários seriam os entrevistados mais indicados, pois estão integrados ao projeto desde seu início. Dessa forma decidimos utilizar um roteiro de entrevistas semidirigido pelo fato de adequar-se melhor a essa situação em que precisávamos entrevistar atores que participavam tanto da parte administrativa quanto alunos e ex-alunos do projeto.

Após a reflexão sobre o do campo, apresentaremos melhor a organização das entrevistas e a análise das mesmas. Para o grupo, a experiência de conviver e estudar a Educafro extremamente gratificante, os envolvidos com a instituição nos receberam com prazer e foram prestativos em todo momento, colaborando em todos os aspectos, desde nossas visitas, encontros com alunos, entrevistas e até no fornecimento de materiais sobre a instituição.

Portanto decidimos construir essa pesquisa baseada nas constatações que obtivemos por meio da pesquisa de campo, alicerçada na observação participante e na realização de entrevistas. Os dados obtidos serão conjugados com o levantamento bibliográfico que fizemos. Este nos forneceu os instrumentos teóricos necessários para analisar as informações obtidas.

Axé, Paz e Bem: A Educafro em Campo.

A Rede de curso pré -vestibular Comunitário Educafro - Educação e Cidadania de afrodescentes e carentes - é uma instituição sem fins lucrativos, que tem por missão reunir pessoas voluntárias, solidárias e beneficiárias desta causa, que lutam pela inclusão de negros e carentes, nas universidades públicas ou em universidades particulares com bolsa de estudos. Foi criada em meados de 1970 em São João do Meriti - RJ por frei Davi, padre nordestino que sempre atuou na luta contra o racismo, sendo um dos formuladores da Pastoral do Negro. Estimulado pela constatação de que naquela região havia um número alarmante de jovens negros que não estavam inclusos no ensino superior, juntamente com sua missão de ajudar ao pobre, como franciscano, optou por esse viés educacional e criou o primeiro núcleo em sua paróquia. Devido aos resultados positivos o projeto se expandiu. E conta hoje, com 255 núcleos de curso pré-vestibulares nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Brasília/DF. Tem sua sede nacional no Largo São Francisco - rua Riachuelo, 342 – em funcionamento de segunda a sexta das 14h00 às 22h00 e aos

finais de semana das 9h00 às 19h00. Todas as quintas (18:00 horas) e sábados (16:00 horas) são promovidos encontros (“Encontros da Acolhida”), fundamentais para que os alunos conheçam a instituição e se informem sobre como será seu processo de inserção no cursinho. Após a passagem no encontro da acolhida o aluno participa de dez reuniões na sede, que debatem temas sobre a questão racial e ações afirmativas, após essa passagem o interessado recebe uma carta de encaminhamento para o núcleo de pré – vestibular mais próximo de sua casa.

A coordenação nacional é feita pelos Frades Franciscanos e uma equipe técnica composta por 16 funcionários e 25 voluntários, que articulam os serviços da Sede Nacional, e dos 255 núcleos (unidades) de pré-vestibulares comunitários. A coordenação de cada núcleo é realizada por, pelo menos, 5 coordenadores voluntários, que contam com o apoio de 10 professores, também voluntários. A rede forma um fantástico mutirão educacional que envolve 2.550 professores voluntários, 1270 coordenadores de núcleos. Os mesmos funcionam em espaços cedidos por igrejas, associações comunitárias e escolas públicas, etc, nas periferias de Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal.

A Educafro nos últimos anos está engajada na luta, pela as aprovações de políticas públicas de ações afirmativas para a população negra e carente, principalmente aquelas que visam garantir o acesso e permanência na universidade. A implementação de cotas (reserva de vagas) em 44 Instituições de Ensino Superior (Federais e Estaduais) já é um resultado positivo nesta luta, na qual se somam vários movimentos sociais, estudantis e entidades do movimento negro. A aprovação da Lei que estabelece cotas para oriundos da rede pública e afro-descendentes nas Universidades Federais, que tramita no Congresso Federal, bem como aprovação de projetos semelhantes nas Assembléias Legislativas dos Estados trará avanços significativos para a sociedade brasileira. Desta forma, podemos concluir que a Educafro é bem mais do que um projeto social, a mesma vem se tornando um Movimento Social, por sua atuação e conquistas.

O que diferencia a Educafro dos outros cursinhos são as aulas de “Cultura e Cidadania” desenvolvidas regularmente em cada núcleo de pré-vestibular comunitário, com carga horária igual ou superior às disciplinas acadêmicas como Física, Português ou Biologia. As aulas de cidadania se caracterizam como uma marca do projeto e abordam dez temas anuais, especialmente selecionados e preparados para a realidade dos alunos provenientes das escolas públicas e do povo negro. O foco didático-pedagógico desta disciplina, baseado na abordagem transversal de conteúdos sociais e étnico-raciais, busca trabalhar temas como a diversidade, através de palestras, dinâmicas, filmes, teatro e seminários em grupo, passando pelas vertentes

teóricas e práticas do que é cidadania. Além do encontro mensal para professores e equipes de cidadania, que ocorrem aos primeiros sábados às 14:00 horas, na Sede da Educafro, são elaborados textos-base referentes aos temas de cidadania de cada semestre. O objetivo destes textos é dar início ao trabalho, que deverá ser complementado com outras abordagens.

O módulo de cultura e cidadania abordou neste ano os seguintes temas: Violência doméstica e de gênero: um olhar da mulher afro-brasileira, Juventude negra: elevando a auto-estima e superando os estigmas, o Negro e a Mídia: reflexões sobre comunicação de massa e a população afro-brasileira, Qual é a responsabilidade das universidades com a inclusão social e étnica e Repressão contra movimentos sociais: um relato e sobre ações arbitrárias do Estado contra o movimento negro e outras organizações populares.

Além do encontro da “Acolhida”, existem outros grupos, como o grupo de discussões: das “Mulheres Negras”, que acontece uma vez ao mês e aborda diversos temas voltados a questão da mulher negra em diversas esferas da sociedade, o “Grupo Místico” que desenvolve pesquisa e cursos na área de dança afro, música africana e teatro, o “Grupo Cuba/Venezuela” – que tem como objetivo preparar os vestibulandos para os vestibulares internacionais de Medicina – através da parceria Educafro – Cuba e Venezuela e o “Grupo Jurídico”, formado pelos alunos bolsistas do curso de Direito, os mesmos prestam serviços jurídicos gratuitos aos outros membros da Educafro.

Outra movimentação importante para a Educafro é o grito dos excluídos que acontece todos os anos no dia Nacional da Consciência Negra (20 de Novembro).

Esse acontecimento é elaborado durante o ano pelos núcleos e pela Sede. O Objetivo é lembrar o espírito guerreiro de Zumbi e inspirado nele, levar a luta através do grito dos excluídos, pela igualdade de oportunidades, pelo fim do preconceito racial e pelo reconhecimento dos negros em diversas esferas da sociedade.

Análise das Entrevistas

Para compreendermos melhor a instituição e levantar dados para dar respostas a nossa questão/problema, realizamos entrevistas com alguns voluntários e alunos que ingressaram este semestre no projeto e com outros que já se formaram pelo sistema de bolsas da Educafro. Nosso objetivo é responder: como a Educafro compreende o sistema de cotas, como ela atua e quais os seus métodos para empreender seu trabalho.

As entrevistas foram realizadas entre os dias 11/10/08 à 16/10/08, na sede da Educafro, Rua Riachuelo 342 CJ 305 – São Paulo sempre a partir das 14h00.

Os depoimentos se complementaram e nos deram a possibilidade de construir o histórico da instituição bem como os objetivos e métodos que a mesma utiliza em seu trabalho permitindo uma primeira análise do movimento. Dentre todos os entrevistados, três entrevistas foram de extrema importância para este processo, primeiro a de Eduardo – responsável pelo setor de políticas públicas da instituição, a de frei Valnei – Diretor Geral do projeto em São Paulo e Frei da ordem Franciscana e de Jorge – responsável pelo setor de comunicação. As perguntas foram voltadas para saber como surgiu o movimento, (porque e em que momento), qual foi o papel da ordem franciscana para o surgimento do mesmo, como percebe a questão das relações raciais e como age na luta para a implementação do sistema de cotas nas universidades públicas do estado de São Paulo. Segue a análise dos resultados obtidos em nossa entrevista.

Axé, Paz e Bem é assim que a Educafro faz a saudação final de seus boletins, Paz e Bem se referem ao ideal da ordem Franciscana, já o Axé expressa a luta do movimento negro pela igualdade de oportunidades. Faremos a seguir o histórico da Instituição a partir desta saudação.

Paz e Bem, é a saudação Franciscana e marca a origem da Educafro, em nossa entrevista Frei Valnei relatou, qual foi o papel da ordem Franciscana na origem da Educafro, segue o depoimento:

Grupo: Qual foi o papel da Ordem Franciscana para o surgimento da Educafro?

Frei: A ordem franciscana tem seu fundador na pessoa de São Francisco, alguém que viveu durante o período da Idade Média. Ele nasce em 1181 e morre em 1226, e ele, por exemplo, vem do seio de uma família muito rica, muito poderosa e de muita posse financeira e econômica, né? E aí o seu processo de conversão se dá quando ele abre mão de tudo isso em prol de uma causa, né (sic)? Da causa do pobre, do marginalizado e do excluído da época, né? Então esse é o grande carisma franciscano né? que revolucionou o mundo, e por isso hoje completa 800 anos, né? Então, por quê? Porque pra Francisco revolucionou a sociedade, o modo de pensar da época, aquilo que era inadmissível ele abraçou como algo de vida, como propósito, né? (sic) Como propósito de vida. Então essa é a grande missão franciscana, de lutar em prol do pobre e do excluído da sociedade. Lutar pra isso, pra que não haja pobreza ou que as pessoas vivam o espírito de pobreza, mas não sejam pobres em si. (sic) E a partir dessa missão que é própria do ser franciscano é que nasce a Educafro, no sentido de que, houve um determinado momento histórico, por exemplo, 1989 a CNBB lança uma campanha da fraternidade que

tem como tema a questão do negro, e a província franciscana igualmente se sente provocada por essa discussão. Então a província franciscana na pessoa de Frei Davi, na época, começa a se envolver nessa luta, nessa discussão. E aí vem a pergunta: como abraçar concretamente essa causa? Essa luta do povo negro e pobre? Quer dizer, inicialmente, na verdade, nem é a questão do negro, a questão é a questão negra, a questão racial mesmo, é a figura do negro, como abraçar essa discussão do negro? Então surge essa ideia do projeto Educafro, né, por quê? Porque o Frei Davi que trabalha na periferia do Rio de Janeiro, no município de São João do Meriti, ele atende as comunidades das periferias e constata visivelmente que o jovem afro-descendente ele tá excluído principalmente do universo acadêmico do nível superior, da educação como um todo, mas principalmente do universo superior, né? (sic) Ele até consegue fazer ensino fundamental e ensino médio, no entanto, dali pra frente ele já não consegue mais, ele estaciona aí, e precisa de um suporte, de uma ajuda pra dar um passo além, de ser incluído na universidade.

E daí o Frei Davi constata que, pelo fato dele não estar incluído na universidade, ele facilmente opta pelo mundo do crime, típico do universo, do contexto do Rio de Janeiro, né? Das periferias, dos morros. Vai pro mundo do crime, vai pro mundo da droga, vai pro mundo do roubo, da marginalização e acaba se perdendo nesse universo aí.

Então, ele intuiu que, uma forma concreta de libertar o jovem disso, é re-colocando ele pro mundo educacional, quer dizer, reconhece-se, portanto, que a educação é um meio concreto, mecanismo concreto de mudar a realidade social, estrutural, familiar deste jovem. (sic) Então começa-se esse trabalho como uma missão franciscana, tem um frei concreto que está aí na frente, mas este trabalho é assumido pela instituição ordem franciscana. Até porque isso vai de encontro, àquilo que é próprio, que é característico da vida do frade franciscano, entendeu? Então, o projeto vem se somar àquilo ao qual, a gente se propõe quanto modo de vida franciscano.

Grupo: Então, neste caso, a instituição é concebida à partir dos ideais franciscanos...

Frei: Isso, exatamente, quer dizer, é um modo muito característico, muito próprio, né? De se comprometer com uma causa, né? E a gente entende que aí, viver isso, abraçar isso e abraçar igualmente o evangelho, né?(sic) O evangelho que o próprio Cristo veio e deixou pra humanidade toda, independente de credo religioso né?(sic) Jesus Cristo nos deixou o legado do

evangelho, e pediu que todos nós, homens e mulheres colocassem em prática isso, ou seja, vivêssemos isso no nosso dia-a-dia. (sic) Então, estar inserido, estar envolto nessa luta, nessa missão é viver, é procurar viver o evangelho hoje nos nossos dias de maneira atualizada.

Yvonne Maggie (2001) em seu artigo – *Os novos Bacharéis: a experiência do pré-vestibular para negros e carentes*, trouxe uma bela exposição sobre a origem da Educafro na época em que se chamava PVNC - Pré – Vestibular para Negros e Carentes – a autora chama atenção para a organização do projeto; seus núcleos eram formados em muitas paróquias, escolas municipais e associações de bairro, com o aparato da ordem Franciscana.

Entretanto, após dezesseis anos a PVNC se transformou em Educafro, e ultrapassou o ideário cristão do bem ao próximo tornando-se um importante movimento social incorporando outro elemento: o Axé.

O Axé é a luta da Educafro pela igualdade em meio a diversidade, reafirmando a identidade cultural da população negra, o instrumento que viabiliza tal construção é a educação.

De acordo com MAGGIE (2001:04), os primeiros cursinhos que possuíam tal proposta, *voltavam-se menos para uma discussão recorrente de afirmação da identidade negra do que para um debate em torno das ideias de cidadania. Na disciplina cultura e cidadania, a categoria "cidadania" é centrada na ideia de direitos e deveres básicos do cidadão.* Tal afirmação não se aplica ao movimento de hoje. As aulas de cultura e cidadania representam muito mais do que apenas algo que pretende dar alusão as questões sobre os direitos básicos de todo cidadão. Ela se torna um instrumento importante para a formação política e cultural, com uma temática voltada ao povo negro.

Grupo: Então a luta da Educafro e a Educafro como instituição vai além do cursinho de forma acessível?

Eduardo: Nós temos uma atuação política muito forte, político-social muito forte, não partidária, porque nós entramos... temos uma pasta aí cheia de ofício, de mandato de segurança, de provocação oficial junto ao ministério público e a justiça mesmo em relação a isenção, em relação a divulgação, em relação ao sistema do vestibular das universidades e além das práticas de cidadania né? Que é nós provocarmos nossos alunos pra entrarem dentro desses espaços, conscientizar tanto aluno como professores da importância das ações afirmativas, tem uma atuação muito forte, isso dentro da universidade pública como também no mercado de trabalho, pra você ter ideia

um trabalho nosso aqui que iniciou em 2003 ele ta surtindo efeito hoje que é junto aos bancos. Nós começamos um trabalho de conscientização das agências bancárias, a começar pelo Itaú e pelo Bradesco, da participação do negro na parte administrativa e gerencial porque nós fizemos um levantamento e vimos que essa participação é muito pequena em relação a sociedade paulista, a composição de etnia dentro do estado de São Paulo. Esse trabalho começou em 2003 e ta dando fruto agora, esse ano junto a FEBRABAN (Federação Brasileira de Banco) que está promovendo o senso da diversidade em todas as agências bancárias. E é legal por quê? Porque tudo isso que eu estou falando começou há 16 anos no Rio e há 11 em São Paulo com o viés do negro, pelo baixo número de negros nesses espaços mas também se estendeu pro aluno da escola pública e para as pessoas de baixa renda de uma forma geral, no mercado de trabalho é a mesma coisa começou com a questão do negro e isso deu origem a preocupação com o deficiente, com o idoso e com a mulher de uma forma geral porque está provado que as mulheres principalmente nos bancos e nas empresas também elas ocupam a mesma função com um salário menor.(sic) Então a questão do negro acabou puxando outros grupos que estavam sendo discriminados.

Conclusão

Observamos aqui elementos significativos para responder como a Educafro compreende o sistema de cotas e como ela atua. Em primeiro lugar o sistema de cotas é para Educafro um objetivo e uma conquista importante, pois demonstra o reconhecimento da sociedade em relação às desigualdades sociais, especificamente no âmbito racial. A educação é o instrumento primordial para a instituição, desta forma os métodos ao empreender seu trabalho são concentrados em ações diretas, tais como a luta junto ao do Governo Federal em prol da implementação de políticas de ações afirmativas, o curso de cultura cidadania, o grito dos excluídos (marcha do dia 20 de novembro) e os diferentes grupos de estudos.

Como já demonstramos à Educafro nasceu de um projeto criado por Frei Davi o qual havia observado que a maior parte da população negra estava segregada do ensino superior. Dessa forma ele criou o primeiro cursinho popular no Estado do Rio de Janeiro que pretendia atender à população carente e principalmente à população negra a qual hoje ocupa uma posição periférica à sociedade em parte devido à discriminação e a opressão historicamente promovida pelas elites brasileiras. A educação é a bandeira que esse movimento social ainda hoje elege como capaz de

instrumentalizar as pessoas para combater as desigualdades sociais e raciais existentes no país.

Partindo dessa ideia de educação como meio de transformação social, a Educafro como um movimento social defende a institucionalização do sistema de cotas não só em universidades públicas como também em outros setores como por exemplo o mercado de trabalho. A implementação do sistema de cotas representa uma forma decisiva para a modificação da estrutura social.

Foi por meio da ação do Movimento Negro e de iniciativas como a da Educafro, que a questão do racismo tornou-se tema permanente na pauta política brasileira. Efetivamente, é no espaço público brasileiro que as tensões de modelos de combate ao racismo importados da experiência americana e as particularidades culturais brasileiras ganham expressão e são de alguma forma, solucionadas. O governo Federal tem tomado algumas ações, mesmo que sutil, de políticas afirmativas, como por exemplo, a implementação da lei nº 10.639 de 09 de Janeiro de 2003 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira.

Enquanto nos EUA houve uma racialização introduzida na esfera social, que gerou a possibilidade de distinguir entre representações negras e brancas, e que também suscitou as lutas entre essas duas populações, diferencia-se essencialmente do caso brasileiro no qual não é possível observar entre as pessoas uma consciência identitária suscetível a determinar a racialização de nossa sociedade.

Alguns fatos como a mestiçagem, conduziram a nossa sociedade a legitimar um pensamento oposto àquela dicotomia racial observada nos Estados Unidos; aqui imperou a já revogada ideia de democracia racial, caracterizando as relações entre grupos étnico-raciais como desprovidas de qualquer preconceito, o que ajudou substancialmente a manter o racismo institucional vigorando veladamente em nossa sociedade. Desta forma não é possível tentar compreender as desigualdades sociais e raciais em nossa sociedade tentando impor um parâmetro analítico que não condiz com a realidade. No entanto, apesar de ter surgido nos EUA onde havia um contexto racial e social diferente do nosso, as políticas de ações afirmativas ainda representam a forma mais efetiva de aplicação de políticas públicas destinadas a amenizar as desigualdades que historicamente oprimiram e marginalizaram a população negra no Brasil.

Se a experiência americana não pode ser aplicada a rigor em nossa sociedade (pois os contextos históricos são completamente diferentes), como resolver a questão do racismo em no Brasil, à medida que os indicadores estatísticos nacionais comprovam que as desigualdades sociais predominam entre população negra? Não

arriscaremos em responder tal questão, pois seria necessária uma pesquisa a parte, mas retomamos um ponto no qual, seria possível apontar um caminho para esta questão, referimo-nos a esfera da integração social e a esfera da integração cultural.

Lutar nos campos das normas para que medidas sejam tomadas e reforçar no campo cultural a identidade negra, é o movimento que nos últimos anos ganhando força em nosso País. A Educafro foi o nosso exemplo por em primeiro lugar, lutar pela implementação de políticas de ações afirmativas, buscando mecanismos eficientes de criminalização do racismo, para garantir que a norma universal da igualdade de oportunidades tenha de fato validade. A luta pela institucionalização do sistema de cotas nas universidades públicas de São Paulo expressa bem isso. Em segundo lugar, a Educafro busca fortalecer como valor o anti-racismo no plano da integração cultural, por meio de práticas culturais e educacionais que entendem, tornam possível construir coletivamente uma visão anti- racista.

Partiremos agora para o segundo ponto de nossa análise: Quais os objetivos da Educafro e quais seus métodos ao empreender seu trabalho. Vimos que nosso trabalho de campo tal como nossas entrevistas trouxeram elementos significativos para respondermos tal questão. Não queremos retomar a história do surgimento da Educafro, pois já a descrevemos neste trabalho, porém é importante compreender o contexto no qual ela surgiu.

Nos anos 90 houve uma mudança de postura significativa, em todos os segmentos da sociedade brasileira, em relação ao tratamento das questões da população negra no país. Dentre os fatores que mais contribuíram para a maior visibilidade das desigualdades sociais entre negros e brancos pode-se destacar segundo professor Silvério (2002:227), *“o aumento e a divulgação de pesquisas empíricas; o surgimento de vários conselhos de desenvolvimento e participação da comunidade negra, no plano estadual e municipal; e o reconhecimento oficial, em 20/11/1995, no plano federal, da existência da discriminação racial e do racismo”*.

Neste contexto, surgiram diversos projetos sociais voltados à população negra e carente, inclusive a Educafro, com o intuito de reparar danos causados por processos históricos que marginalizaram o povo negro e pela falta de políticas públicas que permitissem mobilidade, ascensão social dos grupos socialmente excluídos. *“No aparelho de Estado, a meu ver, a ausência de políticas públicas substantivas em relação à habitação popular de qualidade, ao atendimento à saúde e à educação, reflete o descaso para com aqueles milhões de brasileiros que são considerados inferiores, segundo o juízo de superioridade das elites e dos setores intermediários, os quais supostamente tiveram mobilidade por mérito técnico e profissional”*. (autor ano p.) Após a desmistificação da democracia racial, a sociedade

brasileira passou a reconhecer a existência do racismo, porém como afirmou Sérgio Costa (2006:207), falta dar o segundo passo que, é reconhecimento da importância de combatê-lo.

BIBLIOGRAFIA

COSTA, Sérgio. Dois Atlânticos. Teoria Social, anti-racismo, cosmopolitismo. Belo Horizonte: UFMG, 2006. V. 1. 267 p.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias Qualitativas na Antropologia*. Nona edição. Petrópolis. Editora Vozes, 2003.

KAUFMANN, Roberta Fragoso Menezes. *Ações Afirmativas à brasileira: necessidade ou mito? Uma análise histórico-jurídico-comparativa do negro nos Estados Unidos da América e no Brasil*". Porto Alegre: Livraria dos Advogados Editora, 2007.

MAGGIE, Yvonne. Os Novos Bacharéis: A Experiência do Pré-Vestibular para Negros e Carentes. Novos Estudos. CEBRAP, São Paulo, v. 54, n. 59, p. 193-202, 2001.

MALINOVSKI, Brownislaw. "Introdução: tema, método e objetivo desta pesquisa" In Argonautas do Pacífico Ocidental

MANN, Peter H. *Métodos de Investigação Sociológica*. Terceira edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MARTINS, Sergio. DIVERSIDADE & AÇÕES AFIRMATIVAS. Ivanir dos Santos José Geraldo da Rocha (orgs.). Rio de Janeiro. 2007. P.159/160.

MONTEBELLO, Mariana. *As Políticas de Ação Afirmativa sob a Perspectiva do Direito Internacional dos Direitos Humanos*. Interesse Público, Ano VI, n 29. 2005 Ed. Notadez.

Novos Estudos Cebrap, São Paulo, n. 59, p.193-202, mar. 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília/São Paulo. Editora Paralelo 15 & Editora UNESP, 1998.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. "O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha das técnicas: algumas reflexões". In: Lang, Alice Beatriz da S. G. (org.). Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica, São Paulo, CERU, 1992, pp. 13-29

SILVÉRIO, Valter. *Ação afirmativa e o combate ao racismo institucional Informativo mensal da Educafro*, ano 2002, número 118, agosto 2008.

WALDMAN, Maurício ; SERRANO, Carlos . *Memória D'África - A Temática Africana em Sala de Aula*. 1ª. ed. São Paulo, SP: Cortez Editora, 2007. v. 01. 327 p.